



INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
BACHARELADO EM HUMANIDADES – BHU

YOLANDA ALBINO SANCA

**GRAVIDEZ INDESEJADA EM GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO DE EXPERIÊNCIA
DE MATERNIDADE JUVENIL**

ACARAPE-CE
2025

YOLANDA ALBINO SANCA

**GRAVIDEZ INDESEJADA EM GUINÉ-BISSAU: UM ESTUDO DE EXPERIÊNCIA
DE MATERNIDADE JUVENIL**

Projeto apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades, pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB - CE. Instituto de Humanidades – IH.

Orientadora: Prof^a. Dra. Natalia Cabanillas

Coorientadora: Prof^a. Domingas Da Silva

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a temática da experiência da maternidade juvenil na Guiné-Bissau, Oeste da África. A maternidade juvenil é um dos desafios que assolam o mundo, sendo que a população guineense carece de políticas públicas e das infraestruturas, que muitas das vezes acabam afetando os sonhos de diversas mulheres. Nesse sentido, o trabalho visa identificar as consequências da maternidade juvenil das mulheres guineenses. Para entender a situação da maternidade das jovens na sociedade guineense, utilizamos a metodologia de pesquisa qualitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco (5) mães jovens que tiveram filhos com idade entre dezenove (19), e vinte e seis (26) anos residentes no Bairro de Luanda. A nossa hipótese é a falta de apoio por parte do Estado para diminuir a gravidez indesejada no país, criando mecanismos para sua prevenção, na qual as entrevistadas falaram sobre o desconhecimento de alguns métodos como pílula entre outros e explicam sobre suas vidas cotidianas. Também foram realizadas pesquisas nas redes sociais de organizações, como a Associação de Amigos das Crianças e o Instituto da Mulher e Criança.

Palavras-Chave: Maternidade Juvenil; Consequências; Gravidez não planejada; Guiné-Bissau.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMIC	Associação de Amigos das Crianças
CNAPN	Comité Nacional para o Abandono de Práticas Nefastas
FEC	Fundação Fé e Cooperação
IMC	Instituto da Mulher e Criança
LGDH	Liga Guineense dos Direitos Humanos
RCJJ	Rede de Crianças e Jovens Jornalistas
RENAJ	Rede Nacional das Associações Juvenis
RENAJELF	Rede Oeste Africana de Jovens Mulheres Líderes
RENLUV	Rede Nacional de Luta Contra a Violência baseada no Gênero e Criança da Guiné-Bissau
UNFPA	Fundo das Nações Unidas para a População
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

Sumário

1	INTRODUÇÃO	6
2	PROBLEMA DE PESQUISA	6
3	HIPÓTESES DA PESQUISA	6
4	OBJETIVOS	7
4.1	Objetivo Geral	7
4.2	Objetivos Específicos.....	7
5	METODOLOGIA	7
6	JUSTIFICATIVA.....	9
6.1	Motivação Pessoal	9
6.2	Relevância Social	10
6.3	Contribuição para a formação académica e profissional	11
7	REVISÃO DA LITERATURA	11
7.1	MARCO TEÓRICO.....	12
8	RESULTADOS PRELIMINARES.....	16
8.1	Depoimentos dos participantes da pesquisa.....	17
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
	REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

Luanda é um dos bairros da Guiné-Bissau, situado na capital, Bissau. Localiza-se nos arredores próximo ao centro e é caracterizado como uma zona periférica do país, marcada pela precariedade no desenvolvimento das infraestruturas no que impossibilita as populações locais de terem acesso aos transportes hospitalares que vai facilitar essas mulheres grávidas e também a falta de políticas públicas no setor de saúde, de ter materiais suficientes para o atendimento dessas mulheres.

Também é possível observar grandes desigualdades sociais entre os bairros de Bissau. Há bairros considerados “mais civilizados”, associados a uma educação mais próxima à dos brancos, o que se traduz em maiores privilégios e melhor acesso às boas escolas. Em contrapartida, em bairros mais pobres, a gravidez indesejada torna-se uma realidade mais difícil de gerir, pois grande parte da população depende do trabalho informal, da agricultura e enfrenta um nível muito precário de serviços de saúde, educação e condições gerais de vida. O trabalho informal, especialmente a venda de alimentos nos mercados, nem sempre é uma tarefa simples ou segura.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Ao longo das entrevistas, compreendemos que a maternidade juvenil na Guiné-Bissau é uma vivência tranquila porque as mães não assumem total responsabilidade para cuidado do filho, pois muitas recebem apoios por parte dos pais e dos vizinhos, as entrevistadas contaram a forma como lidam com esse compromisso maternal. Dentro desse tema, interessa-nos averiguar:

- 1) Quais são as dificuldades enfrentadas pelas mães jovens no processo de gravidez?
- 2) Como a gravidez não desejada impacta a rotina de uma mãe jovem?
- 3) O que o Estado e o Governo têm feito para criar condições pelas mulheres que tiveram a gravidez indesejada na Guiné-Bissau?
- 4) Por que uma gravidez não planejada, mesmo entre adultos, traz complicações?

3 HIPÓTESES DA PESQUISA

A falta de apoio por parte do Estado e dos familiares contribuem muito para a alta taxa de gravidez indesejada, ao qual a entidade não cria condições para o fornecimento dos meios de prevenção. Entretanto, algumas mulheres entrevistadas afirmaram sobre o não reconhecimento desses métodos.

De acordo com as intervenções das interlocutoras, afirmam que ser mãe exige atenção, presença e capacidade para identificar a necessidade do filho/a.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

- Analisar os impactos da gravidez na vida das mães jovens no bairro de Luanda.

4.2 Objetivos Específicos

- Explicar e evidenciar as consequências que a gravidez pode trazer para a vida dessas jovens, especialmente no âmbito socioeconômico;
- Descrever e analisar as experiências de mães jovens no bairro de Luanda, considerando suas trajetórias escolares, relações familiares e desafios cotidianos;
- Identificar e apresentar as estratégias de sensibilização adotadas por organizações que atuam na defesa dos direitos das mulheres, visando à redução dos casos de gravidez indesejada.

5 METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, optamos por desenvolver uma pesquisa de abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender em profundidade a experiência da maternidade juvenil na Guiné-Bissau. Assim, a pesquisa qualitativa nos permite acessar significados, percepções, sentimentos e narrativas das jovens mães, possibilitando uma análise mais sensível e contextualizada sobre suas vivências.

Para (Minayo 2002), a pesquisa qualitativa,

É aquela que responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com o nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, trabalha com um universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes que responde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo 2002, p.21).

Na perspectiva de Severino (2008),

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de registro disponível decorrente de pesquisas anteriores em documentos impressos como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados (Severino 2008, p.62).

Durante a pesquisa, realizamos consultas bibliográficas em teses, dissertações e outras produções acadêmicas que abordam o tema em estudo, buscando fundamentar teoricamente a investigação. Além da revisão de literatura, trabalhamos também com entrevistas. Foram feitas entrevistas com cinco (5) jovens mães do bairro de Luanda, por meio de mensagens de áudio enviadas via WhatsApp.

Entretanto, esse formato remoto apresentou algumas limitações, sobretudo em razão da instabilidade de acesso à internet, o que ocasionou atrasos nas respostas — por vezes, as entrevistadas só conseguiam responder no dia seguinte. Para facilitar o diálogo e garantir maior precisão nas informações coletadas, optamos por conduzir as entrevistas na língua crioula, proporcionando um ambiente mais confortável e acessível aos participantes.

Conforme Minayo (2002),

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala de autores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos autores enquanto sujeito-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizado. Suas formas de realização podem ser de natureza individual e/ou coletivo (Minayo 2002, p.57).

No decorrer das entrevistas, enfrentamos dificuldades para encontrar pessoas disponíveis, pois é mais fácil dialogar com indivíduos próximos ou com quem já existe algum grau de intimidade. Por esse motivo, algumas entrevistas foram marcadas e posteriormente desmarcadas. Entre as jovens mães entrevistadas, todas relataram ter passado por uma gravidez indesejada, e algumas até consideraram a possibilidade de não levar a gestação adiante.

As perguntas orientadoras utilizadas nas entrevistas foram as seguintes:

- 1) Qual era sua expectativa antes de engravidar?
- 2) Como foi a reação dos seus pais e do namorado ao saberem da gravidez?
- 3) Você se sente acolhida dentro do seu bairro?
- 4) Você esperava que sua família fosse mais acolhedora do que as pessoas de fora durante o período da gravidez?
- 5) Quais são suas expectativas para o futuro do seu filho e para a continuidade dos seus estudos?
- 6) Como foi vivenciar a maternidade nessa fase da vida?

7) O que poderia contribuir para a redução da gravidez indesejada na sociedade guineense?

Além das entrevistas, também consultamos notícias publicadas nas redes sociais, especialmente no Facebook, bem como documentos produzidos por organizações que defendem os direitos e a proteção de mulheres e crianças. Em etapas futuras da pesquisa, pretendemos entrevistar líderes dessas organizações, como FEC, RENAJELF, RENLUV, UNICEF, RENAJ, entre outras.

Severino (2008, p. 62), “a pesquisa documental tem como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não apenas documentos impressos, mas também jornais, filmes, fotos, gravações e documentos legais”. Essa definição reforça a importância da análise de diferentes tipos de materiais para a compreensão do fenômeno estudado.

6 JUSTIFICATIVA

6.1 Motivação Pessoal

A escolha desta temática surgiu a partir de um episódio vivido por uma colega, que estudávamos juntas no ensino médio e frequentemente conversávamos sobre nossos sonhos e planos para o futuro. Acompanhei de perto os momentos mais difíceis que ela enfrentou ao engravidar no período na qual estava quase finalizando o ensino secundário, sem qualquer preparação prévia para cuidar de uma criança. Ela pertence à etnia Balanta, enquanto o pai do bebê é muçulmano uma diferença religiosa que dificultou ainda mais o relacionamento. Durante a entrevista, ela relatou que sua família não aceitou que o relacionamento prosseguisse.

Ao descobrir a gravidez, sentiu medo de contar aos pais, sobretudo porque o pai era rígido e sempre a aconselhava a não ter namorado, afirmando que isso seria um atraso para o seu desenvolvimento escolar. Quando a notícia chegou ao conhecimento do pai, ela foi expulsa de casa e precisou morar com o irmão dele. No entanto, ao descobrir isso, o pai chegou a ameaçar o irmão, dizendo que deixaria de considerá-lo como parente caso continuasse a acolhê-la.

Na minha própria adolescência, também não recebi ensinamentos familiares sobre o funcionamento do ciclo menstrual. Nunca tive a oportunidade de aprender essas informações em casa e, por curiosidade, busquei vídeos no YouTube, onde finalmente pude compreender melhor o assunto.

A partir da minha observação do contexto cultural e social guineense, percebo que alguns familiares não têm o hábito de dialogar sobre reprodução sexual. As adolescentes não podem ouvir conversas sobre vida amorosa, nem se sentar entre os mais velhos quando esses temas são tratados; geralmente, são afastadas desse espaço. Além disso, o que é ensinado no ensino básico, particularmente nas aulas de Ciências Sociais, é insuficiente. Seria necessária uma explicação muito mais detalhada para que as jovens compreendessem melhor o funcionamento do próprio corpo.

Falar sobre formas de prevenção da gravidez ainda é considerado tabu na Guiné-Bissau. Discute-se pouco sobre o sistema reprodutor, sexualidade e cuidados necessários para evitar uma gravidez não planejada, que muitas das vezes pode comprometer seriamente o futuro das jovens.

6.2 Relevância Social

No contexto social guineense, a maior parte das mulheres não possuem informações adequadas sobre como prevenir a gravidez. Há uma carência significativa de conhecimento por parte dos pais ou encarregados de educação, o que impacta diretamente o futuro desses jovens. Muitas vezes, os próprios pais atribuem-lhes a culpa, alegando que a falta de entendimento não justifica a ocorrência de uma gravidez.

A gravidez indesejada na Guiné-Bissau é atravessada também por fatores culturais, como a valorização da expansão familiar.

Ao comparar a Guiné-Bissau com o Brasil no que se refere às disparidades da gravidez indesejada entre mulheres e crianças, os dados encontrados indicam que existem um número significativo de fecundidade.

A taxa de fecundidade entre as mulheres com idade entre 15- 49 anos é de 5,1 filhos por cada mulher, a taxa de fecundidade nas adolescentes com a idade entre 15-19 anos é de 136,6 por 1000 mulheres, enquanto a gravidez não desejadas ou não planejadas é de 10.7% (INEP; 2010, p.14).

Neste sentido, compreende-se o quanto a gestação de adolescentes é mais visível em relação a gravidez indesejada, devido a falta de maturidade e conhecimento sobre sexualidade.

Segundo Alencar (2005), “Comparado à década de 70, três vezes mais adolescentes com menos de 15 anos engravidam hoje em dia. A maioria não tem condições financeiras nem emocionais para assumir essa maternidade” (Alencar; 2005, p.18). Isso demonstra que tanto a Guiné-Bissau, como o Brasil, apresentam elevadas taxas de gravidez indesejada das mulheres que acabam sendo vitimadas pela situação.

6.3 Contribuição para a formação académica e profissional

Espera-se que este trabalho traga grandes benefícios para o país, em especial para camada feminina, na qual o Estado deve trabalhar junto com as organizações que defendem os direitos das mulheres e crianças, criando instrumentos para que as mulheres continuem realizando seus sonhos a partir do seu desenvolvimento educacional e profissional, também a capacitação e sensibilização das mulheres que, muitas vezes, desconhecem dos métodos para prevenir a gravidez, por isso é necessário mais investigações, acompanhamento e estudo sobre esses casos.

7 REVISÃO DA LITERATURA

Para Prade (2008) ter um filho pode acarretar consequências bastante significativas, como privações reais, afetivas e econômicas que podem aumentar a tensão, a regressão e a ambivalência, intensificando sua frustração, ressentimento, raiva, culpa, que muitas vezes influenciam nas vivências da gravidez e podem alterar a forma da mãe vincular-se ao filho. Isso também se dá em algumas mães guineenses que se arrependem de ter um filho sem condições financeiras para sua sustentação mas que depois se torna uma maravilha porque ao ver o filho sente uma emoção de poder trazer um ser dependente de ti.

No contexto social guineense ter filho exige uma responsabilidade enorme, pois o desafio principal é a questão financeira que se torna muito complicado porque a Guiné-Bissau sendo um país subdesenvolvido em que não há estabilidade económica, escassez de qualidade da saúde, entre outras, algumas famílias não pensam em fazer planejamento familiar porque ter filho não é basta querer mas também exige cuidados e responsabilidades para preencher as lacunas principais como garantir o sustento familiar e acompanhamento na vida estudantil.

Gravidez indesejada é quando uma mulher não planeja ter filho mas que aconteceu por falta de cuidados de poder prevenir antes que aconteça a gestação.

Por isso Menezes (2017) fala que,

Uma gravidez pode ser planeada ou mesmo inesperada e a forma como a mulher vivencia o período que antecede a concepção do feto vai influenciar o modo como vai aceitá-lo e recebê-lo, podendo existir uma maior disponibilidade psicológica para a integração deste novo ser, ou para a rejeição do mesmo. (Menezes, 2017, p.01).

Durante a entrevista, as jovens mães falaram que foi difícil assumir a maternidade no momento porque pensavam que não seriam capazes de manter o compromisso maternal mas

que depois acabaram aceitando e acreditando que é possível criar um filho mesmo sem ajuda financeira de outrem.

Diante disso, cada mãe ou mulher tem sua forma de vivenciar e de experienciar sua gravidez, isto é, dependendo de sua individualidade pois há gestantes que não sentiram falta de dinheiro para fazer consultas e comprar medicamentos. Numa das entrevistas feitas, teve uma mãe jovem que pela falta de dinheiro começou suas consultas após 5 meses, e isso demonstra o quanto a gestão não deve ser comparada.

Para esta pesquisa, torna-se fundamental abordar a bibliografia sobre violência de gênero na Guiné-Bissau e sobre as diversas formas de gravidez indesejada, mostrando os desafios e interrupções de planos de vida, no entanto todas tiveram gravidez antes do casamento.

7.1 MARCO TEÓRICO

De acordo com a legislação da Guiné-Bissau, o Plano Nacional do país tem desenvolvido esforços para harmonizar o quadro jurídico interno com os compromissos assumidos internacionalmente, destacando-se um conjunto de leis que visam proteger os direitos das mulheres, meninas e crianças. Entre elas, ressaltam-se: a **Lei n.º 6/2014**, que criminaliza todos os atos de violência praticados no âmbito das relações domésticas e familiares; a **Lei n.º 14/2011**, que tem como objetivo prevenir, combater e reprimir a excisão feminina em todo o território nacional; e a **Lei n.º 11/2011**, responsável por regular as atividades de saúde reprodutiva e o planejamento familiar (INEP, 2023, p. 33).

Apesar desses avanços legais, tais normas continuam a ser violadas, pois alguns grupos étnicos entendem que interromper determinadas práticas significaria negar direitos tradicionais e apagar costumes ancestrais. A incidência da excisão feminina entre meninas e mulheres com menos de 18 anos é de cerca de 52,1%, podendo gerar complicações graves e até levar à morte por infecções, já que os procedimentos são realizados fora de ambientes clínicos. Além disso, a violência física atinge aproximadamente 36,4% das mulheres em todo o país (Turé, 2023, p. 09).

Segundo dados do Banco Mundial, a Guiné-Bissau apresenta uma das taxas de mortalidade materna e infantil mais elevadas do mundo. O Índice de Desenvolvimento Humano (PNUD) revela uma taxa de mortalidade materna de 725 para cada 100.000 partos. A Unicef (2017) aponta estimativa semelhante, com uma taxa de 667 mortes maternas por 100.000 nados-

vivos. O setor da saúde enfrenta uma profunda escassez de profissionais, o que torna as mulheres ainda mais vulneráveis, sobretudo nas zonas rurais (Banco Mundial, 2025).

É evidente que as mulheres residentes em áreas rurais continuam enfrentando grandes dificuldades, resultantes da precariedade da infraestrutura e da ausência de políticas públicas eficazes nos setores de educação, saúde, proteção social e acompanhamento familiar. De acordo com a Unicef, além da alta mortalidade materna, mais de um terço (36%) dos nascimentos são de mães com menos de 20 anos, e três quartos das crianças nascem de mulheres que tiveram outro parto menos de dois anos antes (Unicef, 2017).

A gravidez indesejada em qualquer faixa etária provoca importantes complicações e transformações físicas, psicológicas e sociais. Muitas mulheres não se sentem maduras ou experientes o suficiente para assumir as responsabilidades da maternidade. Por isso, Menezes (2017) afirma que,

Algumas destas transformações derivam da emersão dos desejos, memórias e fantasias do inconsciente, resultantes da relação estabelecida entre os objectos internos e externos, iniciando-se, muitas vezes, a partir do momento em que a mulher começa a sonhar/imaginar a gravidez e o bebé (Menezes, 2017, p.01).

Ao falar sobre a maternidade indesejada das jovens da Guiné-Bissau, em que algumas mulheres, no primeiro momento, encontram dificuldade de enfrentar uma nova forma de vida em pensar como irá lidar com a gravidez, ou de como vai cuidar do bebé. De acordo com Menezes (2017),

Ao engravidar a gestante deixa de ser simplesmente filha, e mulher, passa a assumir a responsabilidade sobre um novo ser totalmente dependente dela. Este é um dos primeiros conflitos que surgem, uma vez que o bebé não tem a capacidade de exprimir as suas vontades e necessidades e a mãe terá que conseguir saber identificá-las e satisfazê-las (Menezes, 2017, p.07).

Quando uma adolescente engravida, deixa de ser aquela criança que era dada toda a atenção e carinho dos pais, e passa a assumir a responsabilidade de cuidar do bem-estar de uma outra criança. Neste caso, podemos considerar como uma forma de reprodução da experiência a partir das observações e fazer igual ou melhor ainda.

Além disso, Pereira et al. (2022), argumentam que adolescentes que vivem nas zonas rurais têm mais chances de engravidar do que aquelas que vivem nas zonas urbanas, porque, nessas zonas, algumas mulheres não conseguem ter um projeto de vida, porque em algumas culturas guineenses as mulheres são obrigadas a se casarem com homens maiores de idade, mesmo contra sua vontade, e isso gera a sua fuga de casa.

De acordo com a entrevista da presidente do Instituto da Mulher e Criança (2023),

Os casamentos precoces forçados continuam a ser uma preocupação interna e são um dos temas da caravana de sensibilização que está a percorrer o país com um alerta, também, para o planeamento familiar, porque ficar grávida precocemente, fica ‘presa’ e dá razão aos pais, que vão dizer ela recusou ficar casada e olha o que aconteceu”, apontou, defendendo que há a fazer ainda, também, trabalho nas comunidades onde as decisões são tomadas, às vezes, sem consultar inclusive a mãe (IMC, 2023).

Em alguns lugares de Bissau, principalmente nas zonas rurais, os pais continuam decidindo sobre o casamento de suas filhas e na escolha dos maridos. No entanto, algumas meninas acabam fugindo e fazendo denúncias nas rádios e nas associações sobre o casamento arranjado pelos pais.

Ao longo da pesquisa, tive a oportunidade de conversar com um colega da etnia Fula que explicou sobre o motivo pelo qual as meninas devem se casar cedo para evitar uma gravidez precocemente fora do matrimônio. Por isso, os pais, antes de nascer uma criança, já têm marido na fila esperando quando se tornar mulher (pega bicu)¹ e, quando crescer, ela fica já consciente de que é comprometida e, portanto, não deve ter outro compromisso com outro homem.

No contexto social guineense, o casamento é caracterizado como forma para manter a cultura tradicional que vem se transformando numa mera problematização, em que os pais assinam acordos a partir de uma relação amigável, ou através de troca de bens e, mesmo não querendo, a pessoa é obrigada a aceitar.

Quando se fala sobre o casamento forçado estamos a nos referir sobre algo arranjado entre os pais e isso é considerado como uma violação dos direitos e escolha individual.

Conforme Silva (2019),

As nossas identidades de género são construídas a partir de um processo de socialização e aprendizagem, onde aprendemos a ser homens ou mulheres. Aprendemos a aceitar como naturais os papéis sociais destinados aos homens e às mulheres, assim como a subordinarmo-nos às relações de poder entre os sexos (Silva, 2019, p.06).

Em famílias guineenses, as pessoas são ensinadas a interagir socialmente, e tanto homens quanto mulheres passam a conhecer seus direitos e deveres observando o que seus antepassados fizeram. Assim, repetem e reproduzem práticas transmitidas de geração em geração.

¹ “Pega bicu” significa compromisso arranjado pelos pais.

De acordo com o *Relatório sobre a Situação da Mulher na Guiné-Bissau* (2021), existem três momentos considerados essenciais para a garantia dos direitos das mulheres: 1) A formação e a educação das mulheres, para alcançarem uma boa qualificação ao nível profissional; 2) A produção de dados sobre violência de gênero e a sensibilização de mulheres, homens e comunidades, evidenciando o quanto a violência é devastadora para quem busca organizar sua vida com base nos valores aprendidos; 3) O acolhimento das vítimas de violência, garantindo que sejam ouvidas, que existam organizações que as defendam e que redes de apoio atendam suas necessidades, assegurando que sejam respeitadas na sociedade.

No meu caso, aprendi com meus familiares e pessoas do meu entorno que, nas culturas africanas guineenses, ser mãe ou ter um filho é uma responsabilidade carregada mesmo na infância, independentemente da idade. A maternidade é compreendida como um compromisso voltado ao bem-estar da criança, colocando-a sempre como prioridade. Uma das entrevistadas relatou que, após ter seu filho, sentiu que havia se tornado independente, assumindo a responsabilidade de cuidar e proteger, algo que nem imaginava ser capaz de fazer.

Diante disso, ter filhos é considerado uma das principais riquezas da família. Muitos pais preferem que suas filhas se casem ainda jovens, visando a expansão familiar, a preservação da cultura e o respeito dentro da comunidade. Argumenta-se que as mulheres casadas e com filhos/as possuem muito mais ocupações e responsabilidades e, portanto, menos tempo para desobedecer em comparação às mulheres que não têm filhos e não são casadas, consideradas mais independentes e livres para fazer o que desejam.

Consoante a reportagem feita pela Associação de Amigos da Criança (2022),

Os dados mostram que 80% das crianças com idade compreendida entre 13 e 14 anos foram obrigadas a casarem-se com homens de acima dos 60 anos de idade. O casamento precoce seguido de gravidez na adolescência também aumenta significativamente complicações de parto e isolamento social. As meninas que dão à luz antes dos 15 anos de idade têm um risco de 88% de desenvolver fístulas obstétricas, que provocam incontinência fecal ou urinária, causando complicações ao longo da vida com infecções e dores associadas (AMIC, 2022).

Nesse sentido, quando uma menina engravida precocemente, sente uma responsabilidade enorme, pois passa a cuidar das necessidades dos filhos/as, deixando os estudos como segunda opção. A situação torna-se ainda mais complicada quando não se tem apoio familiar. Neste cenário, a gravidez indesejada durante a vida adulta (maior de 18 anos) é pouco olhada e até pouco enxergada como problema, sobretudo diante das dificuldades vividas por crianças e adolescentes que passam por casamentos e gravidez indesejada. No entanto,

afirmo que, mesmo durante a juventude, a gravidez indesejada continua sendo um problema de saúde pública que merece atenção/orientação, pois exige maturidade, presença e controle.

Nas entrevistas feitas, algumas mulheres disseram que tiveram que assumir a responsabilidade muito cedo e que, logo no momento em que ficaram grávidas, passaram a sentir o compromisso do cuidado.

O fato de ser um tema tabu faz com que a orientação não aconteça. Assim, muitas das mulheres que eu entrevistei afirmaram que não tinham conhecimento sobre como prevenir a gravidez, porque não foram ensinadas, e que os pais julgavam pelo que aconteceu.

Segundo Roberto (2012), “tornar-se mãe é a expressão usada para pensar as mulheres que se tornam mães, inevitavelmente, implicadas em profundas transformações psíquicas e recriadas na especificidade da subjetividade materna” (Roberto, 2012, p. 05). As mulheres que acidentalmente se tornaram mães desenvolvem, cada uma a sua maneira, formas de lidar com a situação e de manter sua responsabilidade maternal.

De acordo com Pereira (2022), enfatiza que por vezes a impossibilidade de interromper uma gravidez não pretendida pode fazer com que a mulher assuma a maternidade de maneira forçada, e com receio de se submeter a contextos inseguros e ilegais para sua interrupção. (Pereira, 2022, p. 18).

Segundo o relatório da UNFPA (2022), “os dados mostram que apenas 21,2% das mulheres entre 15 e 49 anos de idade utilizam métodos modernos contraceptivos. E 22% das mulheres casadas de 15 a 49 anos não sentem a necessidade de usar” (INEP, 2022, p. 04). Muitas mulheres não usam métodos contraceptivos, como o preservativo, que é fundamental porque, além de evitar a gravidez, ajuda a não contrair doenças sexualmente transmissíveis, como o HIV. Por isso, no relatório da UNICEF fala que,

A Guiné-Bissau tem a maior taxa de prevalência de VIH na África Ocidental (3% das pessoas dos 15 aos 49 anos vivem com o VIH), ao passo que a cobertura de terapia antirretroviral do país é uma das mais baixas. As mulheres são afetadas de forma desproporcional. As adolescentes são particularmente vulneráveis, mas a cobertura do tratamento antirretroviral entre as grávidas que vivem com o VIH diminuiu de 66% em 2016 para 57% em 2020.

8 RESULTADOS PRELIMINARES

A seguir, apresentamos alguns dados obtidos nas entrevistas realizadas com as jovens mães, destacando histórias de vida de mulheres que vivenciaram a maternidade na fase juvenil.

8.1 Depoimentos dos participantes da pesquisa

Entrevistada: Júlia

Júlia engravidou aos 20 anos, enquanto estudava na Universidade Lusófona, em Bissau. Ao saber da gravidez, contou primeiro à irmã mais velha, que posteriormente comunicou ao pai. Ele ficou abalado, mas acabou aceitando e apoiando. O namorado desejava ter filhos, pois já trabalhava, mas Júlia queria esperar concluir o curso. Ao revelar a gravidez, ele ficou feliz, mas também triste pela forma como ela mesma reagiu.

Apesar de não ser algo desejado, Júlia nunca pensou em aborto. Na universidade, recebeu carinho e apoio de colegas, amigos e professores, que a ajudaram emocionalmente durante todo o processo. Seu plano era concluir os estudos antes de constituir família, mas, mesmo com a mudança inesperada, descreve a experiência como positiva, marcada por amor e apoio.

Entrevistada: Sulita

Sulita inicialmente confundiu os sintomas da gravidez com sinais do ciclo menstrual. Após dois testes, confirmou a gestação aos 22 anos. Desesperou-se, pois havia concluído o ensino secundário e se preparava para entrar na universidade. Temia especialmente a reação do pai, sempre presente e prestativo. Mesmo querendo interromper a gravidez, o namorado não concordou e chegou a ameaçar denunciá-la ao tribunal, afirmando que a relação terminaria caso o fizesse.

Ao completar cinco meses, contou à tia e depois ao pai, que ficaram revoltados e apoiaram a ideia de aborto, que acabou sendo descartada por já ser tarde demais. Sulita relata que nunca se sentiu preparada para ser mãe, mas descreve a experiência como profundamente emocional: percebeu a responsabilidade, presença e proteção envolvidas na maternidade. Sofre ao ver o filho doente, desejando poder assumir suas dores.

Continuou os estudos e passou a trabalhar para não depender dos outros, especialmente porque alguns afirmavam que não iriam sustentar “duas pessoas”.

Entrevistada: Ruelca

Ruelca engravidou aos 19 anos e descreve a experiência como desafiadora e inesperada. Morava com uma prima com quem não tinha boa relação, e ao revelar a gravidez, foi reprimida

e deixada sem apoio. Preferiu contar ao primo, mais compreensivo, que a aconselhou a falar com a irmã mais velha; juntos, comunicaram à mãe, que reagiu com críticas e insultos.

Inicialmente, Ruelca não queria a criança, mas o namorado garantiu que assumiria suas responsabilidades. Mesmo assim, ela deixou de estudar por vergonha e culpa, reconhecendo que a gravidez resultou da falta de experiência ou conhecimento sobre prevenção.

Após o nascimento, o casal chegou a morar junto, mas com o tempo os conflitos aumentaram e terminaram o relacionamento. O único vínculo mantido é o cuidado com o filho.

Entrevistada: Cadjatu

Cadjatu engravidou aos 22 anos, de forma indesejada, descobrindo apenas um mês depois. Ao contar ao namorado, ambos ficaram em choque. A irmã desconfiou ao notar mudanças físicas, mas ela negou por medo e por não ter com quem compartilhar.

A reação da família foi negativa, e por vergonha e ausência de apoio, Cadjatu deixou de frequentar a escola. Além da falta de professores, sentia-se julgada pelos olhares e comentários. Iniciou consultas apenas após o quinto mês, pois não tinha recursos financeiros, e o namorado estava desempregado. A mãe dele ofereceu ajuda, mas ela tinha receio de pedir.

No sétimo mês, ao fazer uma ecografia, descobriu que o bebê havia morrido dias antes. A cesariana para retirada do feto foi traumática, e ela acreditou que sua vida havia acabado. Mesmo assim, retomou os estudos e afirma que a falta de conhecimento levou à gravidez, experiência que hoje lhe traz aprendizado sobre prevenção.

Entrevistada: Titina

Titina engravidou aos 26 anos. Apesar de não ser planejada, não se arrepende da gestação, pois já se considerava na idade adequada — apenas não no momento certo. Estava no Senegal para estudar quando descobriu a gravidez, e antes de falar com os pais, comunicou ao parceiro, que assumiu a paternidade. Depois contou ao primo, mais compreensivo, ao pai e por último à mãe, cuja reação temia por ser mais severa.

A mãe ficou decepcionada, não apenas pela gravidez, mas também por imaginar como a notícia seria recebida pelas pessoas. Durante a pandemia de 2019, obrigou Titina a retornar à Guiné-Bissau, alegando que não poderia criar a criança sozinha no Senegal. Ao voltar, enfrentou comentários no bairro, mas sentia-se preparada.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a gravidez indesejada deve ser encarada como algo normal e não como um problema, na qual deve existir uma culpada, porque as falas das entrevistadas mostram que todas se sentiram rejeitadas à princípio devido ao acontecimento inesperado por elas e pelos pais, que depois tentaram renovar laços de amizade. Por isso, é importante falar sobre esses temas e mostrar que mesmo uma mulher ficando grávida nunca vai impedir de ter avanços em termos educacionais e profissionais. Para isso, será necessário compreender suas experiências e vivências sobre como tem sido o processo de gravidez.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Jaqueline de Moura. *Gravidez na adolescência: nem planejada, nem evitada*. 2005. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2005.

AMIC. *AMIC resgata meninas obrigadas a casar com homens acima dos 60 anos*. Jornal O Democrata GB, 2022. Disponível em: <https://www.odemocratagb.com/?p=40363>.

BANCO MUNDIAL. *Garantir uma gravidez segura: o impacto da Casa das Mães na Guiné-Bissau*. 2025.

UNFPA. *Relatório Anual 2022: Guiné-Bissau*. Bissau: UNFPA, 2022. Disponível em: https://guinea-bissau.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/relatorio_anual_do_unfpa_2022.pdf.

INEP; Mulheres e homens na Guiné-Bissau, 2023.

INSTITUTO da Mulher e Criança – IMC. Instituto nota avanços na condição das mulheres e meninas na Guiné-Bissau. *Observador*, 02 dez. 2023. Disponível em: <https://observador.pt/2023/12/02/instituto-nota-avancos-na-condicao-das-mulheres-e-meninas-na-guine-bissau/>

MENEZES, Sarha Haila Pereira de. *O processo de ser mãe pela primeira vez numa grávida da etnia pepel (Guiné-Bissau)*. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – ISPA – Instituto Universitário, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PEREIRA, Zaira Conceição Tavares. *Gravidez indesejada na adolescência em Guiné-Bissau*. 2022. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Porto Alegre, 2022.

PRADE, Viviane Milbradt. Afetividade e gravidez indesejada: os caminhos de vínculo mãe-filho. *Revista Pensamento Biocêntrico*, Pelotas, n. 9 jan./jun. 2008.

GUINÉ-BISSAU. *Relatório sobre a situação da mulher: Emancipação e Direitos das meninas e mulheres na Guiné-Bissau*. Elaborado no âmbito do projeto: “NÔ NA CUIDA DI NÔ VIDA, MINDJER”.

ROBERTO, Sandra Gaspar. *Entre fronteiras: a inscrição da cultura no processo de tornar-se mãe*. 2012. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), 2012.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. **rev. e atual.** São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, Cleunismar. Violência contra mulheres e os desafios da igualdade de género na Guiné-Bissau. **Revistas Cientistas**, v.1, n.2. p.3-33, 2019.

TURÉ, Bubacar, Estratégia para a Igualdade de Género do PNUD 2022-2025; **INEP**; 2023.